

Esporte, memória e cultura: um relato de experiência dos jogos indígenas Xerente

Sport, memory and culture: an experience report on the Xerente indigenous games

Adriano Lopes de Souza

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil
Araguaína, TO
adriano.souza@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-9217-044X>

Edivan Kreamzu Xerente

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil
Araguaína, TO
edivan.xerente@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0009-0001-1075-7918>

Milena Pedro de Moraes

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil
Araguaína, TO
milena.morais@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3821-4306>

Marilene Soares da Silva

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil
Araguaína, TO
marilene.silva@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-8701-8913>

Recebido em: 14 de dezembro de 2025

Aceito em: 24 de abril de 2026

Resumo:

O presente relato de experiência descreve a organização e realização da 1ª edição dos Jogos Tradicionais Indígenas do povo Xerente (JIX), ocorrida entre 14 e 16 de julho de 2023, na Aldeia Salto Kripre, município de Tocantínia-TO. Essa iniciativa partiu do nosso propósito, enquanto pesquisador indígena, em parceria com a Diretoria de Esporte da comunidade, de valorizar e revitalizar as práticas corporais tradicionais indígenas. O evento contou com quatro modalidades principais (Arco e Flecha, Corrida da Tora, Cabo de Força e Corrida de Revezamento 4x100m) e integrou diferentes gerações da aldeia em momentos de convivência, celebração e aprendizado. A metodologia adotada baseou-se na narrativa autobiográfica, reconhecendo a experiência vivida como fonte legítima de produção de conhecimento e de resistência cultural. Os resultados evidenciam o papel dos jogos tradicionais como instrumentos de fortalecimento identitário, educação intercultural e preservação dos saberes ancestrais, contribuindo para a valorização das práticas corporais indígenas no campo da Educação Física.

Palavras-chave: Jogos Tradicionais Indígenas. Educação Física. Cultura Xerente.

Abstract:

This experience report describes the organization and execution of the first edition of the Xerente People's Traditional Indigenous Games (JIX), held from July 14 to 16, 2023, in the Salto Kripre Village, located in the municipality of Tocantínia, Tocantins, Brazil. This initiative emerged from our purpose, as an Indigenous researcher in partnership with the community's Sports Directorate, to value and revitalize traditional Indigenous bodily practices. The event featured four main modalities (Archery, Log Race, Tug-of-war, and 4x100m Relay Race) and brought together different generations of the village in moments of interaction, celebration, and learning. The methodology adopted was based on autobiographical narrative, recognizing lived experience as a legitimate source of knowledge production and cultural resistance. The results highlight the role of traditional games as instruments for strengthening identity, promoting intercultural education, and preserving ancestral knowledge, thereby contributing to the recognition of Indigenous bodily practices within the field of Physical Education.

Keywords: Traditional Indigenous Games. Physical Education. Xerente Culture.

Introdução

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 217, estabelece que é dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não formais, reconhecendo o esporte como direito de todos e incentivando manifestações de criação nacional (Brasil, 1988). Nesse sentido, compreende-se que os jogos tradicionais indígenas devem ser promovidos como práticas de valor cultural e esportivo, cuja preservação e difusão se alinham às políticas de promoção da diversidade cultural.

As práticas corporais e os jogos tradicionais indígenas constituem expressões que transcendem o caráter lúdico e competitivo, funcionando como instrumentos de transmissão de saberes, fortalecimento da identidade e integração comunitária (Darido; Rangel, 2018; Baniwa, 2006). Eles carregam dimensões simbólicas e históricas que resistem à hegemonia dos esportes ocidentais e precisam ser reconhecidas como parte do patrimônio cultural imaterial (Unesco, 2003).

No Brasil, alguns estudos na área da Educação Física apontam para a necessidade de incluir práticas corporais indígenas em currículos e pesquisas, ampliando a noção de esporte e jogo para além do modelo eurocêntrico (Coletivo de Autores, 1992; Kunz, 1994; Ferreira Neto, 2015). Ao mesmo tempo, pesquisadores indígenas destacam o caráter político e educativo desses eventos, que reafirmam a autonomia cultural e fortalecem a juventude frente a processos de apagamento (Krenak, 2019; Silva, 2020).

No caso do povo Xerente¹, por exemplo, cujo território localiza-se na margem direita do rio Tocantins, a cerca de 70 km de Palmas-TO, as práticas corporais tradicionais (como a corrida da tora, o arco e flecha e outras expressões) constituem elementos centrais de sua identidade e organização sociocultural. Contudo, em função das transformações sociopolíticas e das pressões externas que incidem sobre os povos originários, tais práticas têm sido vivenciadas, predominantemente, em contextos rituais ou festivos, com menor presença no cotidiano comunitário e sem espaços contínuos de valorização e transmissão.

Nesse cenário, a ausência de iniciativas sistematizadas que reunissem a comunidade em torno de seus jogos tradicionais configurou-se como o principal motivo

¹ A título de informação, cumpre-nos destacar que o povo Xerente se autodenomina como “Akwẽ”, termo correlato a sua língua do tronco Macro-Jê, que significa “povo importante”. Todavia, a denominação “Xerente” é a mais usual, sendo já consolidada em registros históricos e oficiais.

para a realização dos Jogos Indígenas Xerente (JIX), reafirmando o protagonismo e a vitalidade da cultura corporal indígena na contemporaneidade

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo relatar a experiência de realização da 1ª edição dos JIX, destacando seu valor cultural, educativo e comunitário. Este empreendimento investigativo justifica-se pela necessidade de conferir visibilidade às práticas corporais indígenas como formas de resistência cultural, promoção do esporte e da saúde, bem como de fortalecimento da identidade do povo Xerente.

Nesse sentido, pretende-se contribuir para que o campo acadêmico reconheça e valorize o protagonismo indígena em sua diversidade de manifestações corporais. Desse modo, após a contextualização da relevância sociocultural do evento, apresentam-se, a seguir, os procedimentos metodológicos que orientaram a elaboração deste relato de experiência.

Aspectos metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, modalidade de pesquisa que busca sistematizar e refletir sobre vivências concretas, articulando experiência, lugar de fala e contexto histórico a um arcabouço teórico que legitima a experiência como produção científica (Daltro; Faria, 2019). Essa abordagem é especialmente significativa no estudo de práticas culturais indígenas, pois permite que as próprias comunidades registrem e interpretem suas vivências, fortalecendo a visibilidade e valorização dos saberes tradicionais.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, visto que está voltada para a compreensão de processos, significados e contextos, em detrimento da quantificação de dados (Flick, 2009). Ora, tal enfoque mostra-se adequado por reconhecer que os jogos tradicionais indígenas expressam dimensões simbólicas, espirituais e coletivas que não podem ser traduzidas em métricas numéricas, exigindo uma leitura sensível às relações culturais e comunitárias.

A sistematização deste estudo fundamenta-se na narrativa autobiográfica, compreendida como uma forma de construir conhecimento a partir da experiência pessoal do autor (Clandinin; Connelly, 2011). Nesse caso, o relato foi elaborado pelo pesquisador indígena e organizador do evento, pertencente ao povo Xerente, garantindo centralidade à sua voz e à sua perspectiva. Ora, essa escolha metodológica dialoga

diretamente com os princípios decoloniais de pesquisa, que buscam romper com o silenciamento histórico das populações indígenas na produção do conhecimento (Smith, 2018).

Ademais, essa proposta converge com o que Santos (2009) conceitua como “epistemologias do Sul”, entendido como um posicionamento que reconhece a legitimidade dos saberes produzidos por grupos historicamente marginalizados e busca valorizar formas de conhecimento ancoradas nas experiências, cosmologias e modos de vida locais. Nesse sentido, a narrativa autobiográfica adotada neste estudo configura-se não apenas como uma estratégia metodológica, mas também como um gesto político-epistemológico, voltado à afirmação de outras racionalidades e à ampliação dos horizontes da produção científica.

A experiência ocorreu entre 14 e 16 de julho de 2023, na Aldeia Salto Kripre, em Tocantínia-TO, envolvendo quatro modalidades: Cabo de Força, Corrida de Revezamento 4x100m, Corrida da Tora e Arco e Flecha. O evento também integrou momentos de danças, cânticos e pinturas corporais tradicionais, que ampliaram sua dimensão cultural, educativa e comunitária. Nesse sentido, a metodologia adotada não apenas descreve o desenvolvimento do evento, mas reafirma a legitimidade dos jogos tradicionais indígenas como práticas culturais e esportivas de significativo valor histórico, pedagógico e social.

Contextualização e descrição da experiência

A 1ª edição dos JIX foi idealizada pelo pesquisador e estudante indígena do curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em parceria com a Diretoria de Esporte da Aldeia Salto Kripre, no município de Tocantínia-TO. O projeto teve como propósito central resgatar e valorizar as práticas esportivas tradicionais, favorecendo o intercâmbio entre comunidades e fortalecendo a identidade cultural do povo Xerente. Destaca-se que o apoio da Diretoria de Esporte, somado à colaboração de professores, universitários, jovens e anciãos, foi decisivo para a concretização do evento, que se consolidou como uma experiência formativa, comunitária e culturalmente significativa.

A seleção das quatro modalidades disputadas no JIX resultou de sua reconhecida relevância cultural, identificada a partir de diálogos com três anciãos da comunidade

indígena Xerente. Esses anciãos desempenham a função de transmitir os conhecimentos herdados de seus antepassados, preservando a memória coletiva e fortalecendo a identidade cultural do povo. Cada um deles constitui, portanto, um pilar essencial para a continuidade das tradições e para a orientação das gerações futuras. Como se observa a seguir, os anciãos compartilharam as origens, as histórias e os significados associados a essas práticas tradicionais.

Arco e Flecha

De acordo com o primeiro ancião, o Arco e Flecha tem origem em uma narrativa ancestral transmitida oralmente entre os Xerente. Conta-se que Sôkrêmsukwa, tio de uma jovem, confeccionou um arco, uma flecha e uma borduna como presente para o genro, orientando-o a cuidar da sobrinha. O arco e a flecha serviriam para a caça e a pesca, enquanto a borduna seria utilizada para a proteção da família.

Tradicionalmente, o Arco e Flecha desempenhava um papel central nas atividades de subsistência, especialmente na caça e na pesca. Na atualidade, a prática integra competições esportivas e apresentações culturais, permanecendo viva como símbolo de identidade, habilidade artesanal e continuidade dos saberes ancestrais.

Corrida de Tora

Conforme relata o segundo ancião, a Corrida da Tora tem origem em uma narrativa mítica vinculada ao tatu-canastra, ser que revelou ao povo Xerente o ritual e a corrida com a tora de buriti. Conta-se que um caçador, ao tentar capturar o tatu, viu o animal transformar-se em um homem que o convidou para uma festa em outra aldeia. Durante o percurso, o tatu-homem mostrou ao caçador o local onde as toras eram cortadas e os cânticos rituais eram entoados. Ao retornar à sua comunidade, o caçador transmitiu os conhecimentos adquiridos, dando origem à prática.

Desde então, a Corrida de Tora tornou-se uma das principais manifestações esportivas e espirituais do povo Xerente, sendo realizada em festividades tradicionais, acompanhada de cantos rituais e marcada por forte simbolismo de força, união e ancestralidade.

Cabo de Força (Wdênrõ krdasikwani mnõze)

O terceiro ancião, por sua vez, explica que o Cabo de Força não integrava originalmente as práticas do povo Xerente, tendo sido incorporado ao longo do tempo, sobretudo em decorrência da participação da comunidade em eventos indígenas de caráter intercultural. No passado, a ausência de cordas e de materiais adequados limitava a realização dessa atividade; contudo, na atualidade, o jogo tornou-se amplamente difundido em escolas e festividades locais, como o *Dasipê*, que é concebido como uma espécie de biblioteca cultural que reúne jogos, brincadeiras, pinturas, cantorias e danças. Nesses contextos, o Cabo de Força promove integração comunitária, cooperação e um espírito competitivo saudável.

Corrida de Flecha (Tki nã Dawra)

Conforme relata o terceiro ancião, a Corrida de Flecha constitui uma prática tradicional do povo Xerente desde tempos antigos. Desde a infância, as crianças são iniciadas na habilidade de correr com a flecha, desenvolvendo técnica, equilíbrio e resistência. Essa modalidade integra diversas festividades, especialmente o *Dasipê*, e simboliza a continuidade cultural, bem como a força física e espiritual das novas gerações.

Dessa maneira, os JIX reafirmaram a relevância dessas práticas como expressões vivas da cultura Xerente, promovendo um importante diálogo entre tradição e juventude, passado e presente, em um ambiente marcado por aspectos como celebração, aprendizado e resistência cultural.

Participantes dos JIX

A realização da 1ª edição dos JIX representou um marco histórico e cultural para a comunidade da Aldeia Salto Kripre, reunindo diferentes gerações em torno do esporte, da cultura e da valorização das práticas corporais tradicionais. O evento contou com a participação de quatro equipes masculinas – Universitários, Servidores, Jovens (Wapte) e Lideranças – organizadas de forma equilibrada quanto à idade, força física e habilidades específicas, reforçando o espírito comunitário e cooperativo.

A equipe dos Universitários foi composta por 16 acadêmicos indígenas Xerente, matriculados em instituições de ensino superior do Tocantins: Universidade Federal do Tocantins (UFT) – campi de Palmas, Porto Nacional e Miracema – e Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – campi de Araguaína e Tocantinópolis. Na UFT, havia discentes dos cursos de História (3), Geografia (2), Filosofia (5), Pedagogia (3) e Artes (1); na UFNT, estudantes de Matemática (1), Química (1) e Educação Física (1). Essa equipe representou a juventude acadêmica indígena, articulando o conhecimento universitário ao compromisso de fortalecer as tradições do povo Xerente.

A equipe dos Servidores contou com 14 participantes, entre professores, profissionais da saúde e funcionários da escola indígena da aldeia. Os docentes, provenientes de áreas diversificadas (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Arte, Filosofia, Sociologia, Inglês e Espanhol) totalizaram nove integrantes, acompanhados por três vigias escolares e dois profissionais da saúde. A composição heterogênea da equipe reforçou o caráter educativo, cooperativo e comunitário do evento.

A equipe dos Wapte foi composta por 16 jovens com idades entre 16 e 25 anos, representando a força, a vitalidade e a continuidade das tradições. Para muitos deles, tratou-se da primeira participação em um evento cultural dessa magnitude, o que conferiu à experiência um caráter profundamente significativo e inspirador.

A equipe das Lideranças contou com 17 participantes, formados por adultos a partir de 25 anos, incluindo anciãos e representantes comunitários. Essa composição simbolizou a sabedoria e a experiência dos mais velhos, fortalecendo o diálogo intergeracional e a continuidade na transmissão dos valores culturais.

No total, participaram 63 homens, representando diferentes faixas etárias e papéis sociais dentro da comunidade. Contudo, é igualmente importante destacar a expressiva presença das mulheres no evento. Embora não tenham formado quatro equipes completas, como ocorreu entre os homens, elas competiram em duas modalidades (Corrida da Tora e Cabo de Força) organizadas em duas equipes femininas: Solteiras e Casadas, com 13 e 15 integrantes, respectivamente, totalizando 28 participantes. Essa participação reforçou o caráter inclusivo do evento e evidenciou o papel central das mulheres na dinâmica cultural e comunitária.

Com efeito, a presença feminina nos JIX constituiu um marco de valorização e protagonismo das mulheres nas práticas corporais tradicionais da comunidade,

expressando a alegria, a coragem e a força simbólica das mulheres Xerente tanto nas práticas corporais quanto na vida comunitária.

Sobre as modalidades disputadas

Os JIX foram estruturados de forma coletiva e democrática, prezando pelo equilíbrio físico e técnico entre os participantes. Cada equipe participou de todas as modalidades, conforme os critérios estabelecidos pela organização: (1) Corrida de Tora: cada equipe selecionou dez corredores responsáveis por carregar e revezar a tora, exigindo força, resistência e cooperação; (2) Corrida de Revezamento 4x100 metros: participaram quatro integrantes de cada equipe, escolhidos por sua agilidade e velocidade; (3) Cabo de Força: participaram de integrantes por equipe, organizados estrategicamente em fila, equilibrando os atletas mais fortes nas extremidades da corda; (4) Disputa de Arco e Flecha: cada equipe indicou dois arqueiros, geralmente aqueles com maior precisão e coordenação motora.

A adoção do sistema de rodízio garantiu a participação inclusiva de todos os membros das equipes. Os competidores que atuavam em modalidades mais intensas, como a Corrida da Tora, podiam descansar na prova seguinte, reforçando o espírito comunitário e colaborativo do evento.

As atividades ocorreram entre os dias 14 e 16 de julho de 2023, na Aldeia Salto Krippe, município de Tocantínia–TO. As disputas matutinas (das 8h às 10h) foram dedicadas ao Arco e Flecha, enquanto as provas vespertinas (das 16h às 18h30) concentraram as modalidades de Corrida da Tora, Cabo de Força e Corrida de Revezamento 4x100m.

Todas as provas foram realizadas no campo central da aldeia, com largada no pátio principal e revezamentos nas extremidades. As corridas consistiam em duas voltas completas, exigindo sincronia e cooperação entre os participantes – especialmente na Corrida da Tora, em que a técnica e a força precisavam estar em perfeita harmonia.

Ao final de cada dia, as competições eram encerradas com cantorias e danças tradicionais Xerente, reforçando a preservação do amplo acervo cultural dos povos originários. Nesse sentido, destaca-se que a suposta aculturação dos povos indígenas constitui um mito produzido pelo pensamento moderno-colonial, sustentado por preconceitos e pela limitada compreensão acerca da profundidade e da complexidade

das culturas indígenas (Silva; Gonçalves, 2017). Longe de se dissiparem, essas práticas revelam a capacidade de resistência, recriação e fortalecimento identitário das comunidades, reafirmando a continuidade e a vitalidade das tradições ancestrais na contemporaneidade.

Sistema de Pontuação e Classificação

Cada equipe teve três oportunidades de disputa, somando três pontos por vitória nas modalidades principais (Corrida de tora, Corrida de revezamento 4x100m e Cabo de força). As duas equipes com maior pontuação geral avançaram para as finais. Na modalidade de Arco e Flecha, os arqueiros acumulavam pontos ao acertar o alvo em formato de peixe, símbolo tradicional do povo Xerente. Os três melhores arqueiros se classificaram para a final, na qual disputaram o título individual da categoria.

A seguir, apresentam-se as particularidades e vivências específicas de cada modalidade, evidenciando o entrelaçamento entre esporte, cultura e ancestralidade no contexto dos JIX. Essa abordagem permite compreender como tais práticas fortalecem os vínculos comunitários e promovem o orgulho identitário entre os participantes.

Arco e Flecha

O Arco e flecha é inspirado na caça tradicional, especialmente entre povos que dependem da pesca como forma de subsistência, simbolizando a precisão e concentração do guerreiro-caçador. Trata-se de artefatos sagrados para os povos originários, de tal modo que se costuma colocar junto ao recém-nascido do sexo masculino um “[...] pequeno arco e algumas flechas, para que a criança se torne valente e disposta a guerrear os inimigos” (Melatti, 1993, p. 121).

Um total de oito arqueiros foram escolhidos por suas equipes para disputar esta modalidade. Cada grupo indicou seus representantes com base em critérios de habilidade, precisão e experiência. O objetivo era acertar o alvo em formato de peixe tambaqui, denominado “waikwaka” na língua Xerente, confeccionado em isopor e madeira, com marcações de 5 a 45 pontos que indicavam as áreas de pontuação, tal como ilustrado abaixo.

Figura 1 - Alvo em formato de peixe tambaqui



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O alvo foi confeccionado em isopor e madeira, pendurado em suporte firme, fixado a cerca de 30 metros de distância dos arqueiros, a partir de uma linha de demarcação onde cada arqueiro deveria se posicionar (Figura 2), garantindo igualdade nas condições de disputa e segurança entre os participantes.

Figura 2 – Arqueiros posicionados na linha demarcatória



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A atividade exigiu coordenação motora, concentração, autocontrole e observância às normas de segurança. Cada acerto foi registrado individualmente e, ao término da fase classificatória, os três arqueiros com melhor pontuação avançaram para

a final. Cada participante realizou três disparos, sendo declarado vencedor aquele que obteve a maior pontuação acumulada.

Essa modalidade evidenciou o significado simbólico do arco e flecha como instrumento de sabedoria, paciência e habilidade, reafirmando a herança cultural do povo Xerente. Ademais, demonstrou o valor da solidariedade e da cooperação no contexto comunitário, uma vez que, durante a competição, observou-se que muitos participantes não possuíam seus próprios equipamentos, tornando comum o empréstimo de arcos e flechas entre integrantes de equipes adversárias.

Conforme destaca Baniwa (2006), a vida comunitária indígena fundamenta-se na reciprocidade e na solidariedade, isto é, uma relação de troca e cuidado que abrange dimensões materiais, emocionais e espirituais. Assim, trabalho, produção e consumo são organizados coletivamente, de tal modo que o êxito individual representa também o êxito do grupo. Essa sistemática contrasta com o individualismo característico da sociedade ocidental.

Corrida de Tora

A Corrida de Tora é uma competição realizada em duplas ou em formato de revezamento, na qual os participantes percorrem um trajeto de aproximadamente 50 a 100 metros carregando toras de madeira com peso entre 70 e 80 quilos (Figuras 3 e 4). Trata-se de uma prova que exige não apenas força e resistência física, mas também técnica e sincronia entre os integrantes da equipe.

Conforme assinalam Silva e Possas (2016), a Corrida de Tora expressa uma experiência visual singular da cultura, perceptível na poeira levantada pelos pés dos corredores na terra batida, no contato direto dos corpos com as toras aquecidas pelo sol e nos elementos sensoriais que envolvem vento, cheiros da mata e vibração coletiva. Esses aspectos evidenciam que a prova transcende a dimensão esportiva, constituindo-se como manifestação estética, simbólica e profundamente enraizada na tradição Xerente.

Figuras 3 e 4 – Corrida de Tora masculina



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No contexto dos JIX, a Corrida de Tora simbolizou a união e a resistência do povo Xerente, expressando a força espiritual e coletiva da aldeia. A modalidade também contou com a participação de mulheres indígenas, organizadas em equipes de solteiras e de casadas, conforme ilustrado na figura abaixo. Essa inclusão reforça o caráter comunitário da prática na preservação e dinamização das tradições culturais.

Figura 5 - Corrida de Tora feminina, dividida entre Solteiras e Casadas.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No primeiro dia de competição, a equipe das Casadas conquistou a vitória; no segundo dia, o destaque foi das Solteiras; e, na soma geral dos resultados, o título

retornou às Casadas. Nessa prova, para além da força física, evidenciou-se a centralidade da técnica no ato de segurar e repassar a tora, demonstrando a cooperação, a coordenação e a harmonia entre as participantes.

Cabo de Força

Também conhecido como “Cabo de Guerra”, essa modalidade é tradicional nos jogos indígenas realizados em diferentes regiões do Brasil. Embora também seja conhecida em contextos não indígenas, entre os povos originários ela assume um significado simbólico e cultural mais profundo do que uma simples disputa de força física, exigindo a união de estratégia, disciplina, cooperação e equilíbrio. Aqui, cada participante precisa atuar de forma conjunta, refletindo a própria lógica das sociedades indígenas, nas quais o bem-estar comunitário está acima das conquistas pessoais (Baniwa, 2006).

No contexto dos JIX, foram realizadas disputas tanto na categoria masculina, quanto feminina (Figuras 6 e 7). Cada equipe era composta por dez participantes, posicionados em lados opostos de uma corda, tendo uma fita central como marca de delimitação. Para sagrar-se vencedora, em cada categoria, foi preciso puxar a equipe adversária para o seu lado.

Figuras 6 e 7 – Disputa do Cabo de Força (masculino e feminino).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além do engajamento dos atletas em cada categoria, destaca-se, na figura acima, a participação da comunidade: formada por crianças, jovens e anciãos que acompanhavam e torciam por seus atletas. Esse aspecto corrobora com a observação de Vinha (2004) sobre os Jogos dos Povos Indígenas de 2001, nos quais o Cabo de Guerra se sobressaiu como uma das competições de maior prestígio e expectativa, despertando grande interesse tanto entre os participantes indígenas quanto entre o público espectador.

Corrida de Revezamento 4x100m

Considerada uma das modalidades mais conhecidas do atletismo, a Corrida de Revezamento 4x100m foi inserida nos Jogos Olímpicos em 1912 e foi realizada nos JIX na categoria masculina (Figura 8). Essa prova simboliza a velocidade, resistência e cooperação, qualidades essenciais para o povo Xerente, que historicamente utiliza a corrida como forma de treinamento para caça, pesca e rituais.

As linhas de partida e chegada foram demarcadas com cal, e o revezamento foi feito com um pedaço de bambu ou flecha, em substituição ao bastão oficial, conferindo identidade cultural à prática. Cada equipe teve quatro corredores, de modo que cada um deveria percorrer 100 metros rasos, totalizando 400 metros por equipe. A vitória foi concedida à equipe que completou o percurso primeiro, sem perder o objeto de revezamento e respeitando as zonas de troca.

Figura 8 - Corrida de revezamento 4x100m



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essa modalidade reafirmou valores ancestrais, saberes tradicionais e o protagonismo cultural do povo Xerente, evidenciando princípios como a cooperação e o respeito às regras, ao mesmo tempo em que simboliza a força e a resistência coletiva da comunidade. Sua prática – assim como as demais manifestações esportivas – desempenha um papel pedagógico fundamental, ao fortalecer tradições e promover o sentimento de pertencimento coletivo.

Conforme, destaca, Pereira (2021), as práticas corporais indígenas configuram-se como uma proposta pedagógica intencional, política e decolonial, por reafirmarem a diversidade e a continuidade dos povos originários no Brasil em contraposição aos modelos eurocêntricos de esporte e jogo.

Considerações finais

A realização da 1ª edição dos JIX, na Aldeia Salto Kripre, demonstrou, na prática, a importância da integração comunitária. O evento possibilitou o encontro entre gerações, o fortalecimento da identidade cultural Xerente (Akwê) e o intercâmbio de saberes entre os envolvidos direta ou indiretamente. Além disso, a vivência das modalidades – Arco e flecha, Corrida da tora, Cabo de força e Corrida de revezamento –

proporcionou aos participantes uma reflexão profunda sobre o valor da coletividade, do respeito e da resistência física e espiritual do povo Xerente.

Organizar os Jogos Tradicionais constituiu uma experiência intensa e profundamente transformadora. Tornou-se evidente que esses jogos ultrapassam a dimensão competitiva, configurando-se como importantes ferramentas de educação, preservação cultural e integração comunitária. A convivência direta com jovens, anciãos e famílias possibilitou compreender, de forma mais ampla, como as práticas corporais atuam como instrumentos de resistência cultural, reafirmação identitária e fortalecimento das tradições que sustentam a vida coletiva.

Foi gratificante observar a alegria e o orgulho dos participantes, perceber o envolvimento coletivo e constatar que, mesmo diante de desafios logísticos, a união e o compromisso com a tradição foram determinantes para o êxito do evento. Essa experiência evidencia o potencial dos jogos tradicionais indígenas como práticas educativas e formativas, contribuindo para o fortalecimento da cultura Xerente e inspirando a continuidade dessas atividades em edições futuras.

Dessa forma, este estudo reafirma a relevância de resgatar e valorizar as práticas corporais tradicionais indígenas, tanto como forma de preservação cultural das comunidades originárias quanto como instrumentos pedagógicos significativos no processo de ensino-aprendizagem, especialmente nas aulas de Educação Física. Nesse contexto, defende-se que é papel do(a) professor(a) de Educação Física promover práticas que possibilitem aos alunos vivenciar e compreender, de modo crítico, inclusivo e respeitoso, os saberes corporais de diferentes culturas.

Conclui-se, portanto, que a experiência da 1ª edição dos JIX constituiu um marco histórico para a comunidade da Aldeia Salto Kripre, afirmando-se como um espaço privilegiado de celebração, resistência e transmissão de saberes tradicionais. O evento consolidou-se como um potente instrumento de aprendizagem coletiva e de fortalecimento da identidade cultural do povo Xerente, contribuindo para a continuidade, a valorização e a visibilidade de suas práticas corporais ancestrais na contemporaneidade.

Referências

- BANIWA, Gersem José dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2011.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.
- FERREIRA NETO, Carlos Augusto. *Educação Física e diversidade cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- KRENAK, Ailton Alves Lacerda. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.
- MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. 7. ed. Brasília: Ed. UnB, 1993.
- PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. *Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da Lei 11.645/08 na Educação Física escolar*. Fortaleza: Aliás, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologías del Sur*. Utopía y Praxis Latinoamericana, año 16, n. 54, p. 17-39, 2011.

SILVA, Beatriz Barbosa; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. *Descolonizar e compreender a questão indígena como aporte aos estudos geográficos*. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v. 6, n. 2, 2017.

SILVA, Jerônimo da Silva e; POSSAS, Hiran de Moura. *Artes do correr em paisagens da mata: a Corrida de Tora entre povos indígenas da Terra Indígena Mãe Maria, Pará*. Iluminuras, Porto Alegre, v. 17, n. 41, 2016.

SILVA, Wellington Ferreira da. *Práticas corporais indígenas e resistência cultural no Brasil*. Brasília: Funai, 2020.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO, 2003.

VINHA, Marina. *Tradição recentemente inventada: terras indígenas e jogo “cabo de guerra”*. In: Encontro Regional de História, 17., 2004, Campinas. *Anais...* Campinas: Anpuh/Spunicamp, 2004. Cd-Rom.